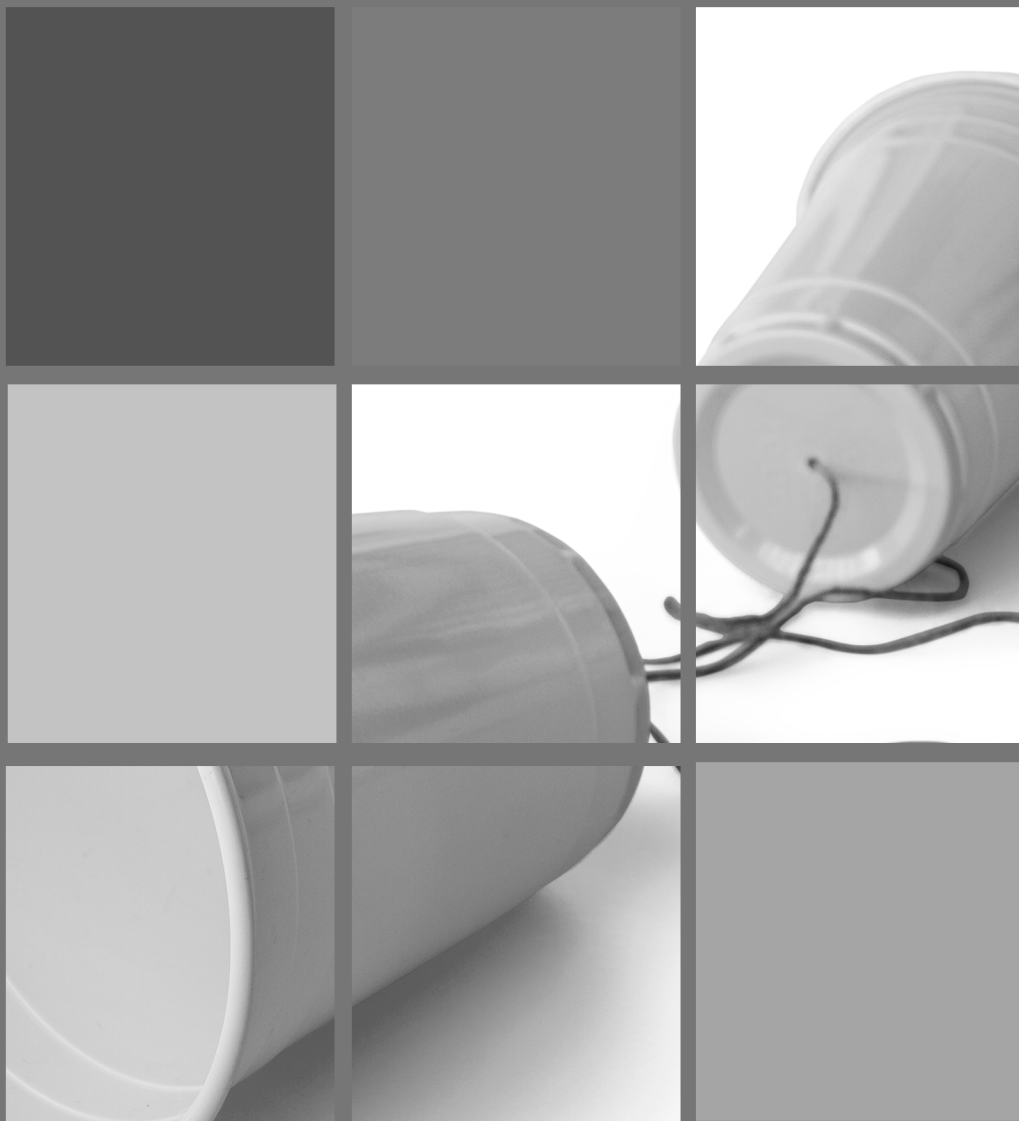


Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



O Imaginário Mágico nas
Ciências da Comunicação

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



O Imaginário Mágico nas
Ciências da Comunicação

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O imaginário mágico nas ciências da comunicação

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Marcelo Pereira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I31 O imaginário mágico nas ciências da comunicação /
Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-615-7
DOI 10.22533/at.ed.157202411

1. Comunicação. I. Silva, Marcelo Pereira da
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

O e-book “O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação” aglutina não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação enseja, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiatização, pela fragmentação do vínculo social, pela dificuldade de convivência e compreensão de pontos de vista contraditórios, pelo império das narrativas em detrimento dos fatos, pela recusa à efemeridade da ciência, pela vigilância e punição do contrário, pela dessincronia entre ética e estética, etc.

Os avanços tecnológicos, fundamentais ao desenvolvimento da sociedade, dos Estado-nação, dos sujeitos e organizações, portam aporias que devem ser postas na mesa para um tipo de “acerto de contas” que minimize seus efeitos nocivos e potencialize os benefícios que proporcionam ao planeta, sobretudo aos países que primam pela democracia e não flertam com regimes totalitários que ainda existem, como o comunismo.

O tempo de incertezas e dramaticidade pelo qual o mundo passa é a ribalta na qual esta obra foi pensada: reunir pesquisadores de diferentes áreas para jogar luz ao imaginário da Comunicação diante da violência simbólica produzida por variados espectros ideológicos que se capilariza em ambientes on-line e off-line, criando verdadeiras trincheiras que solapam as alteridades, obstaculizam a coabitação e ferem a dignidade humana, aquela que não tem classe, etnia, religião, sexo, que é “humanamente humana”, que tipifica cada sujeito que habita o planeta em sua singularidade e todos os habitantes da terra-mundo.

Esta obra se constitui de artigos que abarcam estudos interdisciplinares sobre distintos objetos da Comunicação, aprofundando em teorias, estratégias, análises, metodologias e processos que propõem mudanças de direção, reformulações e ressemantizações para um campo que se encontra em permanente dialética e é essencialmente dialógico.

A Comunicação, nos múltiplos sentidos constituídos pelos autores de cada um dos 17 artigos deste e-book, é uma grande obra que ainda está construção, sempre investida de magia, mágica e imaginários.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

MÍDIA, DISCURSO E CONSUMO

CAPÍTULO 1..... 1

FORMAÇÃO DISCURSIVA E ORDEM DE DISCURSO EM PROGRAMAS POPULARES: ANÁLISE DO DOCUMENTO ESPECIAL E BALANÇO GERAL

Marcelo Pereira da Silva

Carlos Alberto Garcia Biernath

Kelly de Conti Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.1572024111

CAPÍTULO 2..... 13

SAÚDE EM FOCO: UMA ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE SAÚDE VEICULADAS POR UM TELEJORNAL DO ESTADO DO TOCANTINS

Meirylaine Pereira Bezerra Viegas

Larissa Queiroz Azevedo de Aquino

Vilker Nascimento Bezerra de Aquino

Celso Henrique Viegas Pereira

DOI 10.22533/at.ed.1572024112

CAPÍTULO 3..... 19

COMUNICAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE: PRECONCEITO ÀS MULHERES PRESENTE NA MÍDIA BRASILEIRA

Katia Maria Belisário

DOI 10.22533/at.ed.1572024113

CAPÍTULO 4..... 30

ESTUDIO DE LA GESTIÓN DEL CONTENIDO DE GÉNERO EN LA PUBLICIDAD: ALORACIÓN DE LAS ESTRATEGIAS EMPLEADAS POR LOS ANUNCIANTES ESPAÑOLES Y APORTACIONES PARA EVITAR LA PUBLICIDAD SEXISTA

Emma Torres-Romay

Silvia García-Mirón

DOI 10.22533/at.ed.1572024114

CAPÍTULO 5..... 44

MÍDIA E FRONTEIRA: A MÍDIA DE REFERÊNCIA BRASILEIRA NO CONTEXTO DO COLONIALISMO E DO IMPERIALISMO MODERNO

Kelly Sinara Alves de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.1572024115

CAPÍTULO 6..... 55

RELIGIÃO E CONSUMO: UM ESTUDO SOBRE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Adille Rigoni Massimini

Andrey Albuquerque Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.1572024116

CAPÍTULO 7.....	70
MEMÓRIAS SOBRE A REVISTA “INTERVALO”: HISTÓRIA ORAL E PESQUISA	
<i>Talita Souza Magnolo</i>	
<i>Rosalí Maria Nunes Henriques</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1572024117	
CAPÍTULO 8.....	83
A CARACTERÍSTICA REGIONAL DO RÁDIO NA REDE CATÓLICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REDE CANÇÃO NOVA DE RÁDIO	
<i>Elane Gomes Santos Coutinho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1572024118	
CAPÍTULO 9.....	96
CHARGES EM REDE: OS DISCURSOS ACERCA DA MAIORIDADE PENAL NO FACEBOOK	
<i>Lívia Fernanda Nery da Silva</i>	
<i>Leonildes Pessoa Facundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1572024119	
REDES SOCIAIS DIGITAIS, EDUCAÇÃO, CULTURA E CINEMA	
CAPÍTULO 10.....	105
O ARTESANATO EM SÃO LUÍS-MA: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E CONSUMO ARTESANAL NA CONTEMPORANEIDADE	
<i>Ádilla Danúbia Marvão Nascimento Serrão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.15720241110	
CAPÍTULO 11.....	117
PROCESSOS TECNOLÓGICOS E PRODUÇÃO DE IMAGENS: PESQUISA E TRANSFORMAÇÃO COM SUJEITOS DE BAIRRÓS POPULARES	
<i>Valnice Sousa Paiva</i>	
<i>Eliana da Silva Neiva Brito</i>	
<i>Jailda Souza do Nascimento</i>	
<i>Letícia Araújo Lima</i>	
<i>Maria José Pitanga Suzart da Silva</i>	
<i>Moizes Ferreira de Paula Neto</i>	
<i>Reijane dos Anjos Figueredo</i>	
<i>Sarlete Almeida Santana Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.15720241111	
CAPÍTULO 12.....	131
REDES SOCIAIS, UM NOVO JEITO DE SE COMUNICAR NA SOCIEDADE ATUAL	
<i>Rafael Luiz Sanches do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.15720241112	
CAPÍTULO 13.....	145
PLATAFORMAS, DISPOSITIVOS INTERACIONAIS E CIRCULAÇÃO: MAPEAMENTO DO	

EPISÓDIO “VAZA JATO”

Diosana Frigo

Luan Moraes Romero

Viviane Borelli

DOI 10.22533/at.ed.15720241113

CAPÍTULO 14..... 159

TELEPACÍFICO LABELS PROJECT: ¿TRANSMEDIA OR NON-TRANSMEDIA?

Ismael Cardozo Rivera

DOI 10.22533/at.ed.15720241114

CAPÍTULO 15..... 174

EDUCAÇÃO FINANCEIRA X GAMIFICAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Waleria Lindoso Dantas Assis

DOI 10.22533/at.ed.15720241115

CAPÍTULO 16..... 184

PROCESSOS COGNITIVOS NO JOGO DE REGRAS RUMMIKUB À LUZ DO APORTE TEÓRICO PIAGETIANO

Luciana Ramos Rodrigues de Carvalho

Francismara Neves de Oliveira

Églin Ribeiro dos Santos

Sérgio Luís Evangelista de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.15720241116

CAPÍTULO 17..... 199

IDEOLOGIA E DISTOPIA NO CINEMA PÓS-MODERNO: ANÁLISE DOS FILMES JOGOS VORAZES E DIVERGENTE

Marlon Sandro Lesnieski

Reinaldo José Nunes

DOI 10.22533/at.ed.15720241117

SOBRE O ORGANIZADOR..... 213

ÍNDICE REMISSIVO..... 214

CAPÍTULO 5

MÍDIA E FRONTEIRA: A MÍDIA DE REFERÊNCIA BRASILEIRA NO CONTEXTO DO COLONIALISMO E DO IMPERIALISMO MODERNO

Data de aceite: 01/12/2020

Kelly Sinara Alves de Carvalho

<http://lattes.cnpq.br/4144237921330591>

RESUMO: Este estudo buscou questionar a representação da mídia sobre as fronteiras internacionais como lugar de relações, diferentes povos e culturas e sua representação pela mídia, tendo reconhecido seu espaço de lugar. Trago apontamentos sobre a constituição das fronteiras na perspectiva do colonialismo/ imperialismo moderno, na abordagem de Mignolo (2007) e Mignolo e Tlostanova (2009); a atuação da mídia de referência no cotidiano fronteiriço Brasil-América Latina, com Silveira (2017) e Silveira et. al. (2017); e a menção do sujeito subalterno indiano, com Spivak (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo, fronteira, alteridade, mídia, globalização.

MEDIA AND BORDERLANDS: THE BRAZILIAN MAINSTREAM MEDIA IN THE CONTEXT OF COLONIALISM AND MODERN IMPERIALISM

ABSTRACT: This study sought to question the representation of the media on international borders as a place of relationships, different peoples and cultures and their representation by the media, having recognized their space of place. I bring notes on the constitution of borders in the perspective of modern colonialism / imperialism, in the approach of Mignolo (2007) and Mignolo

and Tlostanova (2009); the representation of mainstream media in the Brazilian-Latin American border daily life, with Silveira (2017) and Silveira et. al. (2017); and the mention of the Indian subordinate subject, with Spivak (2010).

KEYWORDS: Colonialism, frontier, otherness, media, globalization.

MEDIA Y FRONTERA: LA MEDIA DE REFERENCIA BRASILENA EN EL CONTEXTO DEL COLONIALISMO Y DEL IMPERIALISMO MODERNO

RESUMÉN: Este estudio buscó cuestionar la representación de los medios en las fronteras internacionales como un lugar de relaciones, diferentes pueblos y culturas y su representación por los medios, habiendo reconocido su espacio de lugar. Traigo notas sobre la constitución de fronteras en la perspectiva del colonialismo / imperialismo moderno, en el enfoque de Mignolo (2007) y Mignolo y Tlostanova (2009); La representación de los principales medios de comunicación en la vida cotidiana de la frontera entre Brasil y América Latina, con Silveira (2017) y Silveira et. al (2017); y la mención del sujeto subordinado indio, con Spivak (2010).

PALABRAS CLAVE: Colonialismo, frontera, alteridad, medios, globalización.

1 | INTRODUÇÃO

As fronteiras internacionais brasileiras constituem espaços habitados, profundamente marcados por um processo de estigmatização que pode ser refletido a partir de muitos olhares.

Espaços de alteridade, tocados por culturas que se unem e se contrapõem num emaranhado identitário de relações intercambiáveis. Deste universo sabemos pouco, porque pouco tem se mostrado do que ele realmente é; sobretudo por causa das relações de poder que envolvem o cotidiano fronteiriço a ponto de relativizá-lo, sendo então, o que o leva a ser tomado apenas como um espaço de passagem, de trânsito, e não como um lugar de relações e vivências, de trocas simbólicas.

Por que não conhecemos, através dos nossos meios de comunicação, a totalidade das relações culturais que se dão bem aí na nossa fronteira? Como seria a nossa visão de mundo, ao sabermos que nós interagimos todos os dias, aprendemos e trocamos experiências, além de contrabandearmos e traficarmos tóxicos? Como nos comportaríamos ao entendermos que, por meio da fronteira, somos mais que próximos dos nossos países vizinhos, porque compartilhamos do mesmo espaço que eles, utilizando, em várias localidades as mesmas políticas públicas de saúde e de educação e que isso perfeitamente pode ser entendido de forma legal e tolerável? Assim, muito há que se refletir, no sentido do termo fronteira, que por tantos é praticado na condição de separação e desunião destas relações simbólicas que poderiam ser muito mais ricas e fortes, do que já são.

Este ensaio traz abordagens epistemológicas do termo fronteira e busca relacioná-las com a representação da mídia de referência sobre a fronteira internacional brasileira, resgatando aspectos que vão de encontro às complexidades da comunicação nos espaços de fronteira, ligadas ao colonialismo e ao imperialismo moderno.

2 | A EPISTEMOLOGIA DE BORDA E SUA RELAÇÃO COM AS FRONTEIRAS INTERNACIONAIS

Estudos de Walter Mignolo sobre a construção da América, nos levam a entender todo um processo histórico que desencadeou nas civilizações americanas e suas peculiaridades. A semiose da América, advém de uma narrativa de dominação ocorrida a partir do colonialismo Europeu, desde o século XV. A história colonial europeia e a consolidação e expansão das ideias e instituições ocidentais, são retratadas pelo autor como um projeto forjado, constituindo desdobramentos que impactaram profundamente as civilizações até os dias atuais. Especialmente a dominação da América Latina ou a ideia de América Latina, ressalta Mignolo (2007), perpassa pela expansão cristã na criação moderna/ colonial do racismo.

Mignolo (2007) declara que há duas diferentes interpretações da construção da América e com elas está a colonização do ser. Uma delas é a versão do descobrimento, outra é a da invenção; termos que constituem dois paradigmas distintos para um mesmo acontecimento. Assim, o autor declara que a linha que separa estes dois paradigmas advém de uma transformação geopolítica do conhecimento, que se constitui não apenas por meio de sua terminologia, mas, mais ainda através de seu discurso. Mignolo (2007) nos elucida que o descobrimento, se dá por uma perspectiva imperialista de uma história

particular de triunfo e vitórias, conhecida como a modernidade. A invenção é colocada pelo autor como uma crítica àqueles que foram deixados de lado, daqueles que os europeus esperaram que seguissem e sobretudo que acreditassem que realmente pertenciam a esta história construída.

“La colonización del ser consiste nada menos que en generar la idea de que ciertos pueblos no forman parte de la historia, de que no son seres, Así, enterrados bajo la historia europea del descubrimiento estan las historias, las experiencias y los relatos conceptuales silenciados de los que quedaron fuera de la categoria de seres humanos, de actores historicos y de entes racionales.” (MIGNOLO, 2007, p.30)

Início com esta ideia de construção da América Latina, para que possamos entender a abordagem que se tem sobre as práticas sociais da atualidade nos espaços latino-americanos e especialmente os espaços de fronteiras, onde se dão inúmeras relações entre diferentes Estados- Nação, que partilham algo em comum, um processo histórico que gerou segregação e exclusão de populações inteiras.

Deste processo Mignolo (2007) toca em outro aspecto fundamental para nossa reflexão. A geopolítica do conhecimento e a expansão jesuítica, se ativeram geográfica e historicamente às línguas e às memórias, que não tinham a ver com a visão de mundo apresentada por intelectuais do período medieval, que discutiam, por exemplo, sobre o mundo natural e as curvas geográficas. O autor evidencia que a expansão cristã da Europa Ocidental ao avançar e ocupar os territórios americanos, dentro do processo colonizador, o faz de forma coercitiva através da implantação de instituições, anulando assim as línguas originais pelo estabelecimento dos idiomas e cultura europeia.

“En esta simetria aparente hay una diferencia: el misionero español y el filosofo frances no debieron incorporar las lenguas ni las experiencias indigenas en su marco de pensamiento teologico o egologico. Los intelectuales aimara o nahuatl de los territorios que hoy ocupan Bolivia, Mexico y America Central no tuvieron otra opcion, porque en sus territorios, en los lugares donde ellos vivían, se establecieron instituciones españolas y francesas. Esa es la razon material por la cual el pensamiento fronterizo es la consecuencia del diferencial de poder existente en el contexto moderno/colonial, un diferencial de poder que constituye la *diferencia colonial*” (MIGNOLO, 2007 p.36).

A partir destes argumentos iniciais, em que o autor aponta as diferenças coloniais relacionadas a um diferencial de poder, podemos discutir sobre a construção da América e da representação de suas fronteiras.

Ao debater sobre a mídia e questões da alteridade na América, Silveira (2017), ressalta que um contexto negligenciado pela mídia, e que se evidencia nas fronteiras da América de modo geral, trata-se da alteridade das culturas nacionais diferidas por idiomas. Segundo aponta a autora, a América é constituída por 35 estados nacionais, com exceção de alguns estados não soberanos, assunto pouco abordado pela mídia de referência.

Os idiomas tomados em evidência pela mídia em toda a América se resumem ao inglês, espanhol e português. Conforme a autora, à medida em que nos aproximamos das fronteiras, podemos entender que as diferenças são grandes e consideráveis no contexto da alteridade. Assim, podemos citar alguns exemplos da quantidade de idiomas falados em toda a América, desconsiderados pela mídia e também em alguns casos, pelos Estados-Nação, o que se configura uma grave situação atrelada ao colonialismo, na abordagem de Mignolo (2007). Dentre os idiomas que chegaram a partir dos colonizadores, temos o espanhol/castelhano, o inglês, o português (ou brasileiro). O francês e o Criollo, da África em boa parte das costas litorâneas do mundo, nas Antilhas, o Neerlandês que é falado no Suriname e o Alemão e o Italiano que são idiomas secundários dentro do Brasil e da Argentina, no Chile e no Paraguai.

Possuímos, na América do Sul, idiomas indígenas, em que conhecemos muito pouco e que principalmente pouco tem se debatido a respeito destas questões de alteridade através do jornalismo no Brasil. Temos o Guarani que, dos idiomas indígenas das Américas é o único que é um idioma oficial de Estado, ou seja praticado também como é o Castelhana, o Estado Paraguaio tem o Guarani como idioma oficial (SILVEIRA, 2017). É relevante afirmar conforme aponta a autora, que os cidadãos do Paraguai possuem documentação em Guarani, o que difere por exemplo do Quechua, do Peru o qual constitui um idioma de raiz do país, mas não possui *status* oficial por implicações jurídicas que isso representaria.

A autora enfatiza os idiomas considerados minoritários, como o Aymara, o Maputi; os idiomas Maias no México, o Havaiano, o Sherokee, o Esquimó, entre outros, e também os idiomas indígenas praticados no Brasil, que totalizam mais de 40 idiomas, e entre eles estão o Tucano, o Ticuna e o Ianomami. Considera que pratica-se no Brasil outros idiomas relacionados à diferentes nacionalidades, contudo o código brasileiro de telecomunicações, em vigência desde 1961, proíbe qualquer transmissão que não seja em português. Temos uma presença expressiva do árabe, do japonês, que tem a sua maior colônia no Brasil depois do Japão e ainda a crescente presença do Chinês e de seus dialetos (SILVEIRA, 2017).

O projeto de colonização europeu, conforme a declarado por Mignolo (2007), nos aponta para um processo de criação de uma hierarquia dos idiomas, através da percepção que se tem do poder colonizador, da autoridade de um idioma de transferir todos os seus saberes e sedimentar uma cultura conforme seus interesses, desprezando os idiomas existentes em dada porção territorial. Se tem o mais forte e mais praticado e se tem o mais fraco, excluído, sem valor algum.

Gayatri Spivak em seus estudos sobre o sujeito subalterno na Índia, remonta a condição de representação do sujeito colonizado, que se vê em seu próprio país, sem voz. Este sujeito, conforme ressalta a autora, muitas vezes é representado na literatura, por uma narrativa que favorece os interesses ocidentais. Isso pode ser observado e também conforme aponta Spivak (2010) através das próprias leis implantadas nos países

considerados subalternos, aqueles que foram condicionados à imposição de idiomas e culturas externas, tendo impedidas as suas próprias práticas culturais, por meio da expressão de suas vozes, do seu trabalho, das práticas sociais subsumidas por ideologias imperiais. Neste sentido é que se dá a afirmação de Silveira (2017), sobre a representação da mídia ao cotidiano fronteiriço do Brasil e às práticas totalizantes impostas pelo Estado que cada vez mais alijam os sujeitos fronteiriços da expressão da sua voz.

Mignolo e Tlostanova, (2009) afirmam que as fronteiras não são somente geográficas, mas também políticas, subjetivas ou culturais e também epistêmicas. Conforme os autores, isto se dá pelo fato de que as fronteiras constituem espaços que foram limitados não somente por meio de um processo histórico, mas foram criados atrelados ao projeto do colonialismo, que produziu diferenças entre os impérios e as colônias, assim como foi estabelecido com as línguas dominantes, a religião e o conhecimento. Nesse sentido corroboram que se nos ativermos às fronteiras do continente americano, por exemplo, verificamos que todas essas bordas foram constituídas através de um processo colonialista, a partir de conceitos que emergem de um projeto colonizador o qual foi projetado para assim ser nestes 500 anos. Isso justifica, como declaram os autores o controle do conhecimento a partir da exclusão de diversos idiomas, pela globalização da cultura.

Conforme Mignolo e Tlostanova (2009), indianos e latino-americanos, não possuem muitas diferenças, pois são enquadrados na mesma história imperial/colonial imposta pelo ocidente capitalista a partir de impérios cristãos como Espanha, França e Inglaterra.

3 | O GLOBAL E SUA RELAÇÃO COM O DESENHO LOCAL

A distinção entre o global e o local, conforme ressaltam Mignolo e Tlostanova (2009), está relacionada ao território e não em uma borda epistemológica. Assim, a ideia do global parte da Europa Ocidental e dos Estados Unidos irradiando para o restante do mundo, em que está inserido o local.

“la globalización es vista como el conjunto de procesos que engendran respuestas y reacciones de aquellos que defienden “la culturas auténticas” o bien la soberanía política amenazada por fuerzas locales. Nuestras tesis asumen lo contrario, es decir, que las historias locales están en todas partes tanto en Estados Unidos y la Unión Europea como en Tanzania, Bolivia, China o el MERCOSUR. Sin embargo, el asunto es que no todas las historias locales están en una posición de idear ni hacer el papel de un diseño global, la mayoría de las historias locales en los últimos quinientos años han tenido que lidiar la expansión incrementada del diseño global del Imperial en todos sus aspectos: religioso, político, económico, lingüístico, epistémico y cultural”. (MIGNOLO e TLOSTANOVA, 2009 p. 18).

Os estudos de Silveira (2017) sobre a representação do cotidiano fronteiriço Brasil-América do Sul pela mídia de referência brasileira (ou seja aquela que noticia conforme um enquadramento padrão dos acontecimentos, a mídia *mainstream* ou meio central de

referência), dão conta de um espaço singular de complexidades, relacionadas a um contexto macro de situações limite. Aponta a autora que o jornalismo de fronteira não tem tomado em consideração as questões de alteridade que nós vivemos nas sociedades americanas como um todo, que diz respeito a uma aculturação das relações transfronteiriças pela ação globalizadora sobre o espaço local.

Conforme aponta Silveira (2017), compreende-se que a percepção de fronteiras no Brasil, é construída pela mídia, a partir dos interesses da globalização. Nesse sentido a mídia não fala da fronteira pelo interesse na fronteira, mas pelos fenômenos que ali ocorrem, os quais resultam de fluxos globais; porque o que ali ocorreu no passar dos séculos, ou dos anos não interessa para as mídias de referência, que estão localizadas na costa litorânea do país.

Segundo a autora, o nosso centro político que é onde se localiza a capital brasileira, na região Centro-Oeste do país, local mais próximo às fronteiras, de fato não representa a centralidade da comunicação, mas sim apenas um centro político, e as ações econômicas ocorrem a partir das capitais litorâneas do Brasil, o que não difere de muitos outros países do mundo, que possuem seus centros políticos e econômicos espacialmente separados.

Nesse sentido Silveira (2017) alerta que o jornalismo que se faz nas fronteiras internacionais brasileiras é caldatário de um poder hierarquizante que vem dessas mídias de referência, praticadas por oligopólios de mídias que possuem as suas bases estruturais no litoral do país. Assim, argumenta a autora que esta percepção que se tem da fronteira se constitui interessada e orientada pelo interesse econômico dessas empresas em grupos que possuem seus valores situados na costa litorânea.

Tal percepção da mídia de referência apresentada por Silveira (2017), se dá em conexão com as duas vertentes epistemológicas abordadas por Mignolo e Tlostanova(2009), em que os autores relatam os processos colonialistas e imperialistas de dominação do mundo.

Curiosamente, o colonialismo na mídia brasileira, ocorre no sentido da instalação da mídia de referência nos locais ali estabelecidos. As capitais litorâneas do Brasil, constituem aquelas fundadas pelos colonizadores europeus e estabelecidas como capitais brasileiras e centros de poder econômico desde o século XVI. Esta mídia atua, conforme aponta Silveira (2017) num processo de criação de outras emissoras menores, que atuarão num contexto local, por todo o país, segundo interesses particulares de suas centrais. As regiões dominadas por esta mídia, são neste sentido entendidas como locais periféricos, onde a notícia que circula ali será interessada, conforme os valores da mídia de referência.

O contexto imperialista e globalizador da mídia de referência no Brasil, se dá, segundo Silveira (2017), por meio da veiculação das notícias a partir de um enquadramento padrão dos acontecimentos da fronteira, nos temas violência e contrabando, em que a autora percebe como *alarmes de incêndio* (SILVEIRA, 2012). Este padrão de reportagens tendem a mostrar pessoas subalternas em situação de criminalidade ligadas ao tráfico

de drogas, ao contrabando ou roubos, não se atendo ao total fluxo de um negócio de contrabando, por exemplo, que configuraria a raiz do problema(SILVEIRA, 2017). A autora ressalta ainda algumas características deste tipo de reportagem como a presença de agentes da segurança pública, das forças armadas, da Polícia Federal, como uma voz de autoridade, o centro da verdade desse discurso e a estigmatização sobre a identidade social daquelas pessoas que vivem e trabalham nas regiões de fronteira. Esta abordagem, conforme Silveira(2017), tem sido construída e alimentada, sendo observada no Brasil desde os anos de 1990 e mais intensamente a partir dos anos 2000.

Dentre as situações retratadas pela autora sobre a representação da mídia de referência sobre o cotidiano fronteiriço, estão algumas observações realizadas por Silveira et. al. (2017) sobre a organização política do espaço fronteiriço, o estabelecimento da mídia local e a relação com as identidades locais em duas tríplices fronteiras internacionais brasileiras: o Arco do Norte, localizado na região Norte do Brasil, no Estado de Amazonas, em que a fronteira se dá entre as cidades de Tabatinga(Brasil), Letícia(Colômbia) e Islandia-Ilha de Santa Rosa(Peru); e ainda o Arco do Sul, onde se localiza a tríplice fronteira Sul do Brasil, constituída pelas cidades de Foz do Iguazú(Brasil); Ciudad del Leste(Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina). Neste estudo as autoras relatam que as duas regiões constituem a construção de um espaço identitário composto por utopias missionárias, onde houve uma missão jesuítica, retratada desde os primórdios da colonização. Dentro da perspectiva da fronteira como espaço de fluxo, para as identidades que por ali transitam e de lugar, para aquelas que ali vivem e trabalham, as autoras evidenciaram a atuação da mídia em sua narrativa jornalística como aquela que toma a fronteira somente como um espaço de fluxo, daqueles que estão por ali apenas de passagem. Neste sentido o tráfico e o contrabando constituem a representação de pessoas que estão por ali também de passagem.

As autoras evidenciam ainda a relevância de se tomar também a fronteira como um espaço de lugar, pois a fronteira se caracteriza pelo discurso dos fronteiriços, que é o que os identificam com o espaço em que vivem. Enfatizam, portanto que estas são duas narrativas completamente diferentes de um único espaço local. Observam que em ambas as regiões estudadas, os jornais locais não praticam somente o jornalismo hegemônico, que embora isso ocorra, há tentativas de outras formas, para que se consiga transmitir a notícia local para o público que ali reside; contudo, a força hierárquica da mídia de referência está fortemente presente no jornalismo local de ambas as tríplices fronteiras. Com isso, as autoras exemplificam que a fronteira Tabatinga- Letícia, cidades – gêmeas do Arco do Norte, já chegou a ser intitulada pela mídia de referência como o Vietnã-Sul Americano, pela representação do trânsito de situações conflituosas que ali podem ocorrer, em função da localização da fronteira ser em meio à densa floresta amazônica e junto à Venezuela e à Colômbia.

Situação similar pode ser observada na representação da mídia sobre o espaço local fronteiriço na faixa da fronteira internacional Brasil- Bolívia, em reportagens que noticiam a

região das cidades fronteiriças Cáceres – San Matias, como porta de entrada de cocaína do Brasil. As notícias veiculadas pela mídia de referência apontam para crimes e contrabando ocorridos diariamente naquele espaço fronteiriço.

Considero relevante a questão de que as comunidades que residem e trabalham nos espaços fronteiriços sul-americanos, constituem identidades que resistem a todo um imaginário de conflito que não corresponde à totalidade da realidade cotidiana destas populações.

Silveira (2017) ressalta que a perspectiva da comunicação e conseqüentemente do jornalismo é a de que estes formam profissionais técnicos que irão trabalhar a partir de uma base teórica sólida. Contudo, levando-se em consideração uma crítica cultural ao jornalismo no Brasil, a autora relata que a notícia é construída a partir de uma visão positivista e globalizadora, dentro da lógica da instantaneidade. Assim, as identidades do cotidiano fronteiriço são substituídas pela mídia de referência, por acontecimentos relacionados à violência ocorrida nesses espaços. Nesse sentido a mídia então reforça que o estereótipo do pensamento latino-americano é mítico- mágico, enquanto o pensamento ocidental ou dos nórdicos, seria o pensamento racional. Tal perspectiva alinhada ao colonialismo, na abordagem de Mignolo e Tloslanova (2009), pode ser entendida como uma estigmatização da matriz mítico- mágica dos países latino-americanos. A partir dos estudos culturais latino-americanos, as matrizes mítico-mágicas, se dão por meio das bases das culturas mundiais, constituídas por elementos identitários arraigados aos países. Contudo, aponta Silveira (2017) que a mídia de referência, ao tratar as situações conflituosas das fronteiras internacionais irá considerá-las dentro da perspectiva da matriz mítico- mágica, refletindo o modo que os latino-americanos tem de sobreviverem em meio ao caos e à guerra, sendo as intempéries minimizadas e tomadas como algo comum, pertencente àquele universo cultural. Esta perspectiva, reforça a autora, é tomada quando se observa a construção dos acontecimentos fronteiriços.

4 | O PENSAMENTO A PARTIR DAS BORDAS

Para Mignolo e Tloslanova (2009) as bordas podem ser estudadas a partir da epistemologia territorial das ciências sociais ocidentais. Nesse caso o problema não seria estudar o que se passa nas regiões das fronteiras, mas sim resignificá-las, reescrevendo as fronteiras geográficas como foram constituídas, no sentido inverso às subjetividades coloniais e imperiais e também das epistemologias territoriais.

Os autores, ao questionarem de que forma poderia ser tal abordagem realizada a partir do pensamento de borda, chamam a atenção para a dupla consciência, a qual é a tese de “inclusão do outro”, que se confronta com a epistemologia colonial/imperial. A epistemologia da borda nos leva a compreender e praticar as epistemologias chamadas *anti-imperiais* dos povos que correspondem à diferença colonial, construída a partir do

discurso hegemônico que os denomina “os outros”, ou seja, populações projetadas para pertencerem a um nível inferior de conhecimento, se comparadas àquelas dos países dominantes, os quais foram legitimados a partir do contexto geo- histórico e social.

O giro epistemológico, conforme afirmam os autores, se dá dentro da perspectiva da descolonização das sociedades fadadas a serem limitadas geograficamente e também excluídas epistemologicamente:

“Por esa razón, el giro hacia una episteme des-colonial propone cambiar las reglas del juego- y no solo el contenido-, así como también la razón por la cual el conocimiento es producido: la des-colonización en lugar de trabajar hacia la acumulación del conocimiento y el manejo imperial trabaja hacia el empoderamiento y la liberación de los diferentes estratos (racial, sexual, género, clase, lingüístico, epistemológico, religioso, etc.) desde la opresión hacia el sentido asumido donde el poder es naturalizado, actuado y corrompido.” (MIGNOLO e TLOSTANOVA, 2009 p. 5).

Afirmam Mignolo e Tlotanova(2009) que a partir do pensamento de borda também surge uma diferença imperial, partindo do mesmo sentido em que pensamos o colonialismo, mas desta vez, apontando para pessoas com padrões sócio-econômicos semelhantes aos dos países dominantes. Os autores citam o exemplo do cristianismo e do secularismo, sobre os índios e os negros africanos transportados como escravos para as Américas, como o ponto de partida para a criação de uma matriz de racismo moderna. Mignolo e Tlostanova (2009) se referem à epistemologia do ponto zero, como aquela que parte da teo- política e da ego-política do conhecimento que se expandiu durante os cinco séculos de colonização ocidental. O pensamento de borda para os autores, questiona tal configuração dada a partir das relações entre os locais denominados geo-históricos e suas epistemologias e ainda entre as identidades ali presentes e as epistemologias do *outro*.

Nesse sentido muitas pesquisas remontam o conceito do pensamento de borda, contudo todas elas desembocam em uma única perspectiva: “cómo la gente se enfrenta en el mundo a la expansión epistémico, económica y política de Occidente, si no quieren ser asimiladas sino más bien imaginar un futuro que sea su propia invención y no la invención de imperios hegemónicos o subalternos.” (MIGNOLO e TLOSTANOVA, 2009 p. 6).

O giro epistemológico, parte de princípios opostos à epistemologia colonial (Teológica e egológica) mas apontando para a perspectiva geo- política (das segundas qualidades, ou aquelas as quais se referem às histórias imperiais locais e às subjetividades, como os corpos racializados e inferiorizados, classificados e moldados pelo conhecimento europeu, do cristão e secular homem branco.

“Las teorías de los bordes (es decir que “describen y representan” las experiencias de los bordes, aunque el enunciante no habita el borde sino el territorio, y desde el promontorio mira hacia baja, las victimas en los bordes) y la no- occidental (es decir las teorías que surgen del habitar el borde, de la experiencia del borde, desde donde se mira la arrogancia del enunciante que

en el territorio “nos” mira, a veces con lástima y a veces con sentimiento de culpa) radical son difíciles de reconciliar” (MIGNOLO e TLOSTANOVA, 2009 p. 8).

A partir da perspectiva da diferença colonial as condições e possibilidades do pensamento de borda não são diferentes, mas difíceis. Contudo conforme afirmam os autores, a China, por exemplo se propõe a um pensamento através da diferença imperial, com “adaptação sem assimilação” (MIGNOLO e TLOSTANOVA, 2009 p. 8).

Para Silveira (2017) o espaço fronteiriço é também entendido na perspectiva da territorialidade. A autora problematiza que “os processos relacionados ao poder sobre certos territórios - o poder de afetar, influenciar, controlar o uso social do espaço físico - não criam homogeneidade ou uma qualidade única do território, nem mesmo, obrigatoriamente, geram um território, pois podem se “empilhar” tanto quanto articular-se em tensão constante ou gerar conflitos abertos” (SILVEIRA, 2017, p. 6). Assim a autora relata que ao contrário da perspectiva de território, que de alguma forma delimita o espaço entre “nós” e os “outros”, assim carregando um sentido de exclusividade, a territorialidade trata-se de “um processo de caráter ‘inclusivo’, incorporando novos e velhos espaços, não separando quem está ‘dentro’ de quem está ‘fora’ ”(SILVEIRA, 2017, p.6). Nesse sentido, a territorialidade de algum elemento geográfico dificilmente coincide com os limites de um território, assim como não se distingue entre os territórios formalmente instituídos e a territorialidade do espaço vivido.

Spivak (2010) destaca que as elites indianas, por serem nativas, são os principais expoentes que disseminam para os intelectuais do primeiro mundo a “ voz do outro”. Tendo-se em consideração que o subalterno, que é o sujeito colonizado, não se trata de um sujeito heterogêneo. Assim, corrobora com Silveira (2017) ao abordar a mídia de referência como aquela que representa o sujeito fronteiriço numa condição de criminalidade. “O trabalho de pesquisa projetado aqui é de identificar, investigar, e medir a natureza específica e o grau de desvio dos elementos (Grupos dominantes nativos locais e regionais) a partir do ideal e situá-los historicamente” (SPIVAK, 2010 p. 59).

Tanto Mignolo e Tlostanova (2009) como Silveira (2017) e Spivak (2010), destacam a situação do sujeito aliado do poder, que se vê numa condição de subalternidade étnica, política, social e econômica.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo as ideias dos autores centradas nas práticas descoloniais, a partir da epistemologia de borda, como ressaltam Mignolo e Tlostanova(2009), a que se atribui um processo de recuperação das identidades locais, na inclusão do *outro*. Assim também sugere Silveira (2017) a partir da descolonização da representação social do sujeito fronteiriço pela mídia, em que considero que corroboraria com tal possibilidade, também

os estudos fronteiriços das mídias locais. Spivak (2010), nos provoca a pensar em como a mídia pode dar voz a um sujeito sem voz. O contexto da representação do sujeito à margem da sociedade pode ser notado em todo o mundo. No entanto a presença do terceiro mundo e ainda dos espaços fronteiriços como lugar de subalternidade estão projetados na lógica da colonialidade, podendo ainda ser reforçada por autores contemporâneos. Nesse sentido, compreende-se a premência de uma revisão da mídia sobre a representação dos espaços fronteiriços a partir de suas identidades reais, pela reconstrução deste sujeito e do seu espaço de lugar, pelos seus idiomas, pelas suas culturas e pelas relações ali vividas.

REFERÊNCIAS

MIGNOLO, Walter D.; TLOSTANOVA, Madina. Habitar los dos lados de la frontera/teorizar en el cuerpo de esa experiencia. **Revista IXCHEL. Volúmen I, San José, Costa Rica**, p. 1-22, 2009.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de America Latina: a heridcolonial la opción decolonial**: Gedisa editorial, 2007. 241 p.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados—narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 35, n. 1, 2012.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; **Mídias e Fronteiras: Crítica Cultural do Jornalismo em sua Ação de Colonização do Imaginário Social**. Palestra Magna da VIII Semana Acadêmica de Relações Internacionais; Cultura e Conflito nas Relações Internacionais: Abordagens do Sul; Universidade Federal de Santa Maria; 23/10/2017.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; PADILHA GUIMARÃES, Isabel; SCHWARTZ, Clarissa. The Name of the Other: Media, Heterotopias, and Border Country Interactions. In: **Brazil: Media from the Country of the Future**. Emerald Publishing Limited, 2017. p. 137-162.

SPIVAK, G. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 44, 45, 46, 47, 49, 150

Artesanato-Consumo 105

Artesanato Maranhense 105

B

Balanço Geral 1, 9, 10

C

Canção Nova 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Casos 25, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 47, 64, 86, 146, 190

Charge 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Cinema 1, 58, 76, 159, 170, 199, 200, 204, 205, 209, 210, 211

Circuito 7, 145, 146, 149, 150, 156, 157

Circulação 19, 20, 22, 25, 28, 80, 97, 98, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 156, 157, 158

Colonialismo 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52

Complexidade 93, 131, 149, 150, 157

Comunicação 2, 2, 7, 8, 12, 18, 19, 29, 45, 49, 51, 54, 55, 59, 70, 74, 76, 77, 78, 83, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 104, 107, 120, 121, 123, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 205, 211, 212, 213

Comunidade 18, 84, 87, 88, 92, 113, 117, 119, 123, 124, 125, 129, 137, 175, 176, 182

Consumo 7, 14, 33, 36, 37, 42, 43, 55, 56, 57, 58, 65, 68, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 118, 122, 136, 174, 175, 176, 178

Crítica Ideológica 199, 200

Cultura Local 83, 84, 85, 114

D

Design 105, 106, 107, 108, 109, 114, 115, 116

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 28, 45, 50, 52, 58, 60, 62, 64, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 122, 141, 204, 206

Distopia 199, 200, 203, 209

Documento Especial 1, 9, 10

E

Educação Financeira 174, 175, 176, 177, 181, 182, 183

Educação Infantil 174, 175, 176, 177, 179, 181, 182, 183
Ensino 87, 103, 117, 119, 174, 175, 176, 182, 184, 185, 187, 198
Entrevistas 14, 55, 56, 62, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 85, 106, 112, 114
Epistemologia Genética 184, 185
Estratégias 2, 11, 70, 81, 99, 143, 154, 184, 186, 191, 195

F

Facebook 96, 97, 100, 101, 102, 103, 131, 137, 139, 148, 151, 152, 153, 154, 162
Festival de MPB 70
Formação Discursiva 1, 4, 5
Fronteira 29, 44, 45, 49, 50

G

Gamificação 174, 176, 179, 181, 182
Gênero 19, 20, 21, 29, 96, 97, 98, 99, 103, 110, 121, 138, 205, 209, 210
Globalização 44, 48, 49, 83, 84, 85, 106, 121, 130

H

História Oral 70, 71, 72, 73, 74, 81, 82

I

Ideologia 2, 61, 99, 122, 199, 200, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 212
Interação 2, 84, 97, 98, 110, 114, 121, 132, 133, 139, 141, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 157, 174, 185, 186

J

Jogo de Regras 184, 186, 187, 198
Jornalismo 7, 14, 16, 19, 47, 49, 50, 51, 54, 76, 78, 79, 80, 91, 92, 93

M

Maioridade Penal 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103
Memória 55, 59, 69, 70, 71, 73, 81, 82
Mídia 1, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 28, 29, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 71, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 115, 117, 118, 119, 123, 129, 132, 136, 137, 139, 143, 144, 211, 213
Mórmons 55, 59, 60, 66

O

Ordem do Discurso 1, 11

P

Pesquisa-Ação 117, 118, 119, 124, 129, 175, 183
Plataformas 138, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 157
Preconceito 19, 20, 22, 25, 28, 139, 141
Prevenção de Saúde 13
Produção de Imagem 117
Publicidade 42, 88

R

Rádio 1, 25, 76, 78, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95
Redes Sociais 93, 96, 97, 103, 104, 125, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 148, 151, 153
Regionalismo 83, 84, 86, 90, 92, 93
Religião 48, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 94, 102
Revista “Intervalo” 70, 74

S

Saúde 13, 14, 15, 16, 17, 18, 45, 60, 89, 120, 154, 178, 181
Sétima Arte 199
Sexismo 30, 38, 41, 42, 43
Simultaneidade 184, 187, 188, 189, 190, 191
Sucessão 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192

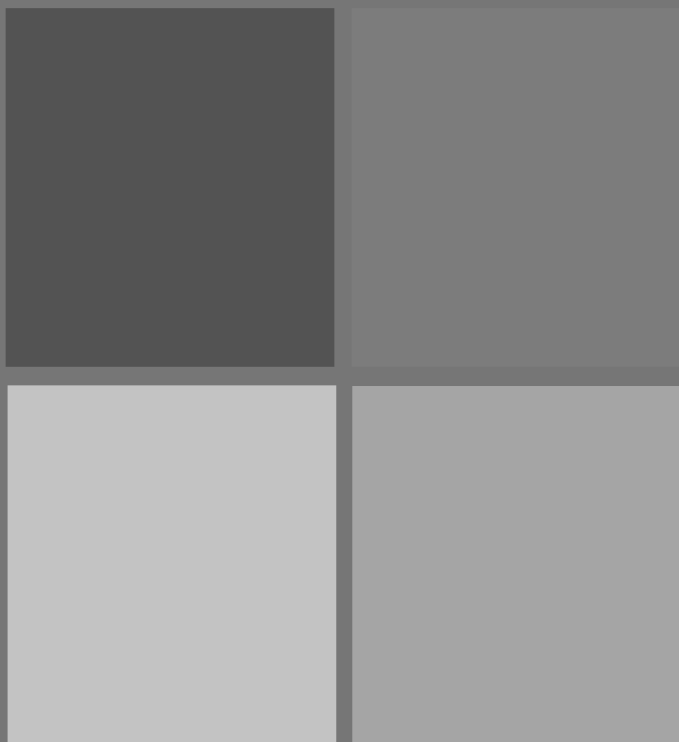
T

Telejornalismo 13
Televisão 1, 2, 5, 8, 9, 11, 14, 25, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 94, 111, 143, 155

V

Vaza Jato 145, 146, 149, 151, 152, 155, 157
Violência 9, 10, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 29, 49, 51, 103, 119, 120, 124

O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação



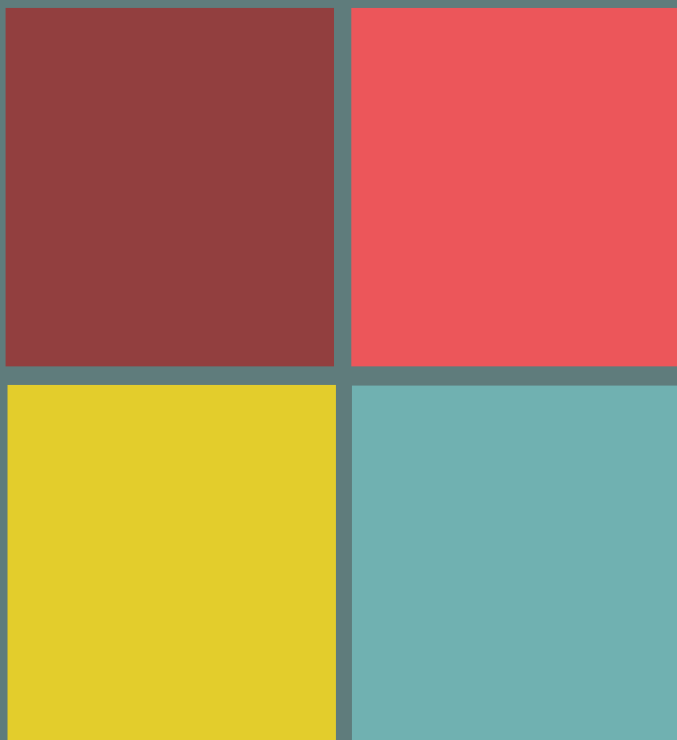
www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 